



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

# FLUP 50

Transformar o futuro sem esquecer o passado

Porto  
2011

**Ficha Técnica**

Título: ***FLUP 50. Transformar o futuro sem esquecer o passado***

Organização: **Direção da FLUP**

Edição: **Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

© Copyright 2011 – Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Autores

Execução Gráfica: **Involgar / Artes Gráficas, Lda.**

Tiragem: **500 exemplares**

Depósito Legal: **337692/11**

ISBN: 978-972-8932-90-9

Ano: **dezembro de 2011**

### 2.5.1. Das Ciências Documentais à Ciência da Informação: o meu testemunho

José Marques

#### Introdução

O cinquentenário da restauração da Faculdade de Letras, solenemente comemorado nos dias 13 e 14 de Outubro de 2011, permitiu acompanhar as vicissitudes do seu desenvolvimento, durante este meio século, tendo sido eloquentes, nesse sentido, os depoimentos de alguns dos seus primeiros alunos, que, integrados no seu corpo docente, percorreram todos os degraus da carreira universitária, até à jubilação como catedráticos.

O contraste dos modestos primórdios por eles descritos com a dimensão da complexa realidade atual sugere-nos a imagem da pequena e frágil planta que se transformou em árvore frondosa, mercê dos cursos que, posteriormente, a foram enriquecendo, não obstante as dificuldades inerentes às fases de crescimento. A descrição dos percursos seguidos pelos diversos cursos, mais do que uma informação histórica, poderá — para não dizermos, deverá — constituir para os alunos um fator de confiança em que a Faculdade que os acolhe saberá vencer também as dificuldades atuais e, ao mesmo tempo, um poderoso estímulo para aproveitarem, da melhor forma, a vasta preparação científica e de alcance profissional que aí lhes é ministrada.

Neste contexto comemorativo, tendo estado particularmente ligado à introdução do Curso de Especialização em Ciências Documentais nesta Faculdade de Letras, que acompanhámos, durante os dezoito anos de existência, foi-nos solicitado um depoimento quanto às suas origens e alguns aspetos do seu desenvolvimento. Dado que este Curso terminou, intencionalmente, para dar lugar à licenciatura em Ciência da Informação, e a respetiva história, em linhas gerais e, em parte, até com bastante pormenor, está feita (Fernanda RIBEIRO; João LEITE; Maria Elisa CERVEIRA - *Memória do Curso de Especialização em Ciências Documentais: 1985-2003*. In *Homenagem ao Professor Doutor José Marques, 26 e 27 de Junho de 2003: actas do Colóquio "Do Documento à Informação" e da Jornada sobre Sistemas de Informação Municipal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004. p. 209-224), poderá ter algum interesse registar certos aspetos, que, apesar de, oportunamente, ultrapassados, não deixaram de criar dificuldades, chegando, mesmo, a causar perplexidade a quem teve a responsabilidade imediata na implementação deste Curso e no seu ulterior desenvolvimento. A resposta a este pedido implicará, por isso, uma indesejável e incómoda marca pessoal, em nome da verdade, difícil de contornar, de que, antecipadamente, se pede desculpa.

## Primórdios

Nada interessará aos leitores saberem que no ano letivo de 1975-76, sendo já assistente na Faculdade de Letras, frequentámos o Curso de Bibliotecário-Arquivista, criado pelo Decreto-Lei n.º 26.026, de 7 de novembro de 1935, ministrado na Faculdade de Letras de Coimbra, que vigorou até 13 de julho de 1982, data em que foi extinto e substituído pelo Curso de Especialização em Ciências Documentais, expressamente criado para esse efeito e com a possibilidade de ser ministrado noutras Faculdades. Os tempos eram diferentes e, no antigo Curso que frequentámos, havia consciência da importância das novas modalidades da informação, das vantagens da sua transferência e das formas de recuperação, falando-se, inclusive, das possibilidades oferecidas pelos computadores, que, ainda, não estavam disponíveis.

Dispondo dos conhecimentos teóricos adquiridos em Coimbra, impressionou-nos, vivamente, o estado em que se encontravam os arquivos municipais da região Norte — Minho e Trás-os-Montes — que mais nos interessava e fomos percorrendo, durante a fase de preparação da dissertação de doutoramento, não vindo para aqui algumas das dificuldades com que deparámos. Era urgente alterar essa situação, mas sem um Curso onde se preparassem, adequadamente, os funcionários para os arquivos e as bibliotecas que as Câmaras Municipais começavam a instituir, o futuro continuaria a ser difícil.

Presidíamos ao Conselho Diretivo da Faculdade desde o princípio de 1983, e, apesar dos frequentes contactos com os responsáveis pelos Conselhos Científico e Pedagógico, não vislumbrávamos qualquer hipótese de introduzir na Faculdade o novo Curso, aprovado em 1982, tendo uma delegação do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), conduzida pelo Doutor Justino Mendes de Almeida, numa reunião a que assistimos, na Reitoria da Universidade do Porto, manifestado o claro interesse na sua abertura.

Essa preocupação mantinha-se e, quando, no Conselho Científico, em que tínhamos assento de pleno direito, se estudavam eventuais propostas de reestruturação periódica dos cursos da Faculdade a apresentar ao Ministério, com data de 9 de julho de 1984, aí apresentámos a proposta de criação — melhor teria sido dizer *introdução* — do Curso de Especialização em Ciências Documentais na Faculdade, de que transcrevemos os termos iniciais: — «1. *Tem-se falado, com relativa frequência, na criação do **Curso de Ciências Documentais** nesta Faculdade. Julgo que não teremos outra ocasião mais propícia do que esta fase de reestruturação para o conseguirmos e, por isso, proponho e solicito ao Conselho Científico o estudo e deliberação favorável sobre este assunto*». A proposta, acompanhada por todos os elementos necessários ao esclarecimento de todos os membros do C.C., nomeadamente, «os textos oficiais e os *currícula* dos Cursos ministrados em Coimbra e em Lisboa», foi aprovada, por unanimidade, na sessão plenária de 25 de julho de 1984.

Se este primeiro passo foi relativamente fácil, as dificuldades surgidas na fase de preparação do primeiro ano letivo, que só viria a começar nos princípios de 1986, quanto à constituição de um corpo docente

credível, que, inclusive, tivesse a confiança da Direção da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), foram enormes, tendo sido determinante para as ultrapassar o apoio prometido e, efetivamente, prestado pelos professores do Curso de Coimbra, nossos conhecidos, desde os tempos em que tínhamos frequentado o Curso de Bibliotecário-Arquivista, extinto em 1982, colaboração que nos apraz agradecer, aqui, mais uma vez.

Talvez agora ganhe algum sentido a referência — aparentemente despropositada —, acima feita ao Curso de Bibliotecário-Arquivista, que frequentámos e concluímos em Coimbra, movido pela instabilidade social e profissional, subsequente aos acontecimentos de 25 de abril de 1974. Profissionalmente, além das vantagens que os conhecimentos aí adquiridos nos proporcionaram, nos domínios da investigação pessoal, não tivemos necessidade de o utilizar, mas não escondemos que, de algum modo, se repercutiu na introdução do novo Curso de Especialização em Ciências Documentais, nesta Faculdade, como, sumariamente, ficou exposto.

### **Consolidação**

O rigor posto na observância dos critérios de seleção, com atenção especial aos candidatos já colocados em bibliotecas e arquivos sem a necessária preparação técnica, a exigência posta no controlo das faltas, a qualidade do corpo docente conseguido, em que emergiam os nomes da Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Pinto Mendes, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e dos colegas Drs. José Manuel Mota de Sousa e Maria do Rosário Pericão, bem como a observância de outros aspetos inicialmente definidos, conferiram a este Curso uma nota de qualidade, que nos aprouve registar, logo no fim do primeiro ano, e prosseguiu ao longo da sua existência.

O facto de, inicialmente, se ter optado pela sua abertura de dois em dois anos teve vantagens não só em relação ao corpo docente e à experiência que se ia afirmando, mas também quanto ao interesse que foi despertando junto das autarquias, de serviços públicos e da própria Universidade do Porto, acentadamente empenhados na aquisição de quadros tecnicamente preparados nas áreas específicas deste Curso: arquivo, documentação e biblioteca, aspeto sempre presente nos critérios de seleção dos candidatos, desde as primeiras edições do Curso, de acordo com a alínea c) do n.º 5 da Portaria n.º 852/85, de 9 de novembro: — «*Experiência profissional, nomeadamente no âmbito da ciências documentais*». Em geral, a “experiência” dos candidatos reduzia-se ao facto de trabalharem em algum arquivo ou biblioteca, acabando, no decorrer do Curso, por rejeitarem as práticas que, até então, haviam seguido.

A atenção prestada a esta alínea dos critérios de seleção preocupava a BAD, pelo que na longa carta enviada à sua presidente, Dr.<sup>a</sup> Maria José Moura, datada de 14 de Outubro de 1987, lhe pudemos transmitir a informação de que entre os dez selecionados para a opção Biblioteca se contavam os responsáveis pelas bibliotecas municipais de Santo Tirso, Viana do Castelo e Alijó e, ainda um

colaborador da Biblioteca Municipal de Chaves. Foi possível, então, dar conta também do interesse das Câmaras Municipais de Chaves e de Alijó, que, além de disponibilizarem a estes seus funcionários o tempo indispensável para levarem o Curso a bom termo, anunciavam a intenção de alguma ajuda material, atitudes que assumiam uma dimensão exemplar para outras autarquias.

Estava-se no início da segunda edição deste Curso, tendo, então, informado a BAD da existência de candidatos ligados às bibliotecas municipais de Amarante, Póvoa de Varzim e Arouca e à da Casa de Camilo, em Vila Nova de Famalicão, que, mercê da falta de vagas, não tinham sido admitidos. Levámos, assim, ao conhecimento da BAD o contraste entre o entusiasmo despertado pelo Curso, ministrado na Faculdade de Letras do Porto, e as limitações impostas pelo *numerus clausus*, reduzido a 20 vagas, sendo 10 para Arquivo e 10 para Documentação e Biblioteca, que, mais tarde, viria a ser ampliado. O esclarecimento foi confirmado e ampliado com a indicação de que dos 63 concorrentes, 18 optaram pela variante Arquivo e 45 pela de Documentação e Biblioteca, sinal de que alguma coisa estava a mudar na zona Norte e que importava pensar no apoio a este Curso, mediante a instituição de bolsas de estudo, por parte do Ministério e de outras instituições, tanto mais que da parte da Câmara Municipal de Ponte de Lima, Serviços da Segurança Social do Porto, Serviços Regionais de Saúde de Bragança e Delegação do Porto da Secretaria de Estado da Cultura tinha havido também candidatos para a opção Documentação e Biblioteca, que, como muitos outros, não puderam ser admitidos. Sobre o contributo dado por este Curso para a transformação nestas áreas, nos Distritos de Aveiro, Porto e em todos os situados a Norte do Douro, entre 1985 e 2003, basta analisar a *Memória* citada na nota n.º 1, p. 211-215.

Uma das necessidades que urgia resolver era a da criação de um corpo docente estável, suficiente para assegurar a docência das disciplinas fundamentais deste Curso, impondo-se, ao mesmo tempo, assegurar-lhe a possibilidade de progresso na carreira académica, de acordo com as disposições legais, quanto ao plano científico, passando pela prestação de provas de aptidão pedagógica e capacidade científica e de doutoramento. Este último aspeto implicava a aprovação de uma área de doutoramento em Ciências Documentais, que veio a ser concedida pelo Despacho 77/SEES/89, publicado no *Diário da República*. 2.ª série, de 4 de julho de 1989.

Nem tudo foram facilidades, e o processo de contratação de duas assistentes, bem como a resolução do pagamento aos docentes externos, que colaboravam com a Faculdade na docência deste Curso, obrigaram-nos a diversas diligências junto do Conselho Diretivo de então, que, impõe-se dizê-lo, não se poupou a esforços para resolver os atrasos verificados neste domínio.

Logo na primeira edição, verificou-se que o Curso carecia de um *estágio* nas áreas da docência ministrada, aspeto omissos na legislação que o regia. A mini-comissão coordenadora decidiu que, de futuro, ao longo do segundo ano, os alunos teriam de realizar um estágio de 150 horas de trabalho prático, condição apresentada a todos os candidatos, na entrevista, integrada no processo de seleção, tendo havido plena concordância dos entrevistados. Quando, porém, no início do segundo ano desta edição se davam os primeiros passos para a organização do estágio proposto e acordado por todos os

selecionados, não faltou quem esboçasse uma reação anti-estágio, prontamente eliminada. No final do ano e concluída esta primeira experiência, todos lhe reconheceram grande vantagem, tendo prosseguido até ao fim.

Este aspeto prático do Curso foi-se aperfeiçoando, tendo, além dos alunos, as instituições que aderiram a este projeto e abriram as suas portas aos estagiários, sido as grandes beneficiárias, a começar pelos Arquivos da Faculdade de Letras e da Reitoria da Universidade do Porto, que foram devidamente organizados, informatizados e dotados de quadros com pessoal qualificado.

A dimensão prática, inerente à estrutura dos diversificados estágios e dos trabalhos indicados pelos docentes, foi ampliada pelas visitas de estudo, prévia e convenientemente preparadas, a bibliotecas, como a Nacional de Lisboa — agora dita Nacional de Portugal — e Geral da Universidade de Coimbra, a arquivos, nomeadamente, o Nacional da Torre do Tombo e o Distrital de Braga, integrado na Universidade do Minho, e centros de documentação científica e tecnológica, que constituíam autênticos estímulos à investigação, gradualmente patente nos trabalhos práticos apresentados no fim dos estágios, sendo justo salientar e agradecer a orientação e o acompanhamento dos respetivos docentes.

### **Balanço final**

Neste testemunho, não poderíamos omitir uma breve referência aos resultados deste Curso, ministrado, durante dezoito anos, na Faculdade de Letras do Porto, tendo ascendido o número de inscritos a 283, maioritariamente, procedentes da zona norte de Portugal. O tratamento estatístico dos dados disponíveis revela que 97,2% dos inscritos concluíram o Curso e que, em 2004, 91,3% trabalhavam em Bibliotecas, Arquivos e Centros de Documentação, áreas, tradicionalmente, designadas de BAD, informações que ganharão um sentido mais profundo, descodificando-as através da leitura dos quadros, gráficos e mapas, há muito disponíveis (Cf. *Ob. cit.*, p. 211-215), que concretizam e visualizam a dispersão destes profissionais, predominantemente, pelas zonas centro e norte do País.

Conjugando esta realidade com as preocupações manifestadas pelas autarquias e outras instituições no domínio da defesa e difusão do património histórico-cultural, a que urge acrescentar o vasto trabalho realizado, nas últimas décadas, pelos novos profissionais, impõe-se reconhecer que o contributo sócio-cultural proporcionado pela Faculdade de Letras, através do seu Curso de Especialização em Ciências Documentais foi altamente positivo.

Neste olhar, de relance, sobre os resultados positivos deste Curso, que, em boa hora, estrategicamente, cedeu o lugar à licenciatura em Ciência da Informação, é obrigatório recordar e ter presente os *cinquenta docentes*, procedentes de Universidades e outras Instituições públicas e privadas, nacionais e espanholas, que, dedicadamente, contribuíram para a formação de tantos profissionais e para a grande obra que eles continuam a levantar.

Como principal responsável por este Curso, durante toda a sua existência, em nome da Faculdade e pessoal, a todos manifestamos a nossa gratidão, sem esquecermos os que já nos deixaram.

Desde o início aos anos finais deste Curso, processou-se uma profunda transformação, a nível concetual e nos domínios científico-tecnológicos da informação, e o Curso de Ciências Documentais, que tinha cumprido a sua missão, não podia continuar espalhado, urgindo avançar para a licenciatura em Ciência da Informação — a primeira em Portugal —, sendo da mais elementar justiça registar, para futura memória, que a principal responsável por este projeto, há anos solidamente implantado, foi a Prof.<sup>a</sup> Doutora Fernanda Ribeiro, que encontrou no Prof. Doutor Gabriel David, da Faculdade de Engenharia do Porto, um colaborador competente e dedicado, cabendo-lhes o mérito de terem sabido construir uma parceria entre as duas Faculdades, cujas vantagens e eficácia têm sido largamente comprovadas, durante os anos de vigência desta licenciatura.

Para a Licenciatura em Ciência da Informação, para os seus promotores e responsáveis e todos os colaboradores os nossos parabéns, com os melhores votos dos maiores êxitos.